

MUSICOTERAPIA NA EDUCAÇÃO: convergências e divergências no contexto escolar

MUSIC THERAPY IN EDUCATION: convergences and divergences in the school context

Carolina Ferreira Santos¹²

RESUMO: Este artigo tem como objetivo apontar reflexões sobre musicoterapia e educação enfatizando seus pontos comuns. Apresenta alguns dos desafios enfrentados pela educação, bem como ideais que são compartilhados igualmente pela terapia; mostra também as diferenças contidas nessas áreas, relacionando música, educação e terapia. O artigo foca ainda a importância da Musicoterapia no contexto escolar por meio de projetos interdisciplinares. Vale ressaltar que este trabalho é feito no âmbito teórico, não sendo assim apresentadas experiências práticas envolvendo ambas as áreas.

PALAVRAS- CHAVE: Musicoterapia, educação, interdisciplinaridade.

ABSTRACT: This article aims to present some reflections about music therapy and education, emphasizing their common points. In addition, it proposes some ideals and challenges that are equally faced by education and therapy. It also shows the differences found in these areas, interrelating music, education and therapy. Finally, the article focuses on the importance of music therapy in the school context through interdisciplinary projects. It is noteworthy that this work follows a theoretical framework and, therefore, does not present practical experiences involving both areas.

KEYWORDS: Music Therapy, education, interdisciplinarity

INTRODUÇÃO

Muitos são os desafios da Educação; mudanças na sociedade, no comportamento e nos valores influenciam diretamente seu cenário. Acredita-se que

¹² Bacharel em Musicoterapia. Atualmente atua como musicoterapeuta na Clínica Comunicare e no Nova Prana, colégio inclusivo. Ministra palestras e workshops referentes à musicoterapia e atua na área empresarial na realização de intervenções e vivências. <http://lattes.cnpq.br/5764452642260308>. Email: carolina.musicoterapia@gmail.com

esses sejam motivos suficientes para refletirmos as possibilidades de atuação da Musicoterapia nesse campo.

A criança em idade escolar tem apresentado questões desafiadoras no que diz respeito a metodologias de ensino, despertar de interesse e dinâmica de aula. O educador se vê envolto por uma atmosfera que muitas vezes não compete à sua função; como separar agressões entre os educandos, além de ter que prender a todo tempo sua atenção, afinal este mesmo educando traz um leque de questões e problemas que não são educacionais, mas que influenciam nos processos de aquisição do conhecimento e conseqüentemente em seu comportamento na escola e na sociedade.

A Musicoterapia é uma disciplina híbrida que envolve várias facetas do ser humano, apresenta uma visão biopsicossocial e espiritual. A partir de sua abordagem de relação entre o ser humano e seu desenvolvimento sonoro, a Musicoterapia auxilia no processo de desenvolvimento humano, visto que este se relaciona com a música de maneira diferente a cada fase da vida.

Mas como inserir um processo terapêutico em um ambiente onde não há patologia? A Musicoterapia apresenta sua eficácia também na prevenção e promoção de saúde. “O musicoterapeuta preventivo desenvolve uma observação das situações de conflito, seja com crianças ou adultos. Sua eficácia é detectar estados de vulnerabilidade e fortalecer mecanismos de proteção”. (PELLIZZARI apud Silva 2011, p. 133)

Portanto, o presente artigo reflete os desafios da Educação e as possibilidades de contribuição da Musicoterapia na escola num contexto interdisciplinar apontando convergências e divergências entre educação e terapia.

EDUCAÇÃO: REFLEXÕES E APONTAMENTOS

Afinal, o que é a Educação?

InCantare: Rev. do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia. Curitiba, p. 58 – 72, v.5, 2014.

Segundo Reis (1978) não é a informação que se tem de um valor, mas sim, o hábito de viver esse valor. Ela implica na modificação do comportamento, logo, se o desempenho não foi alterado a educação não foi processada.

A educação vai além da instrução, afirma Reis (1978). O homem fica sabendo de tudo, informa-se sobre o plano intelectual, social, moral, cívico, político, econômico, estético e religioso, mas só mediante a um processo muito superior e profundo é que ele modifica o seu comportamento, assim a informação deixa de ser armazenada e passa a influenciar na maneira de ser, sentir, pensar e agir do indivíduo.

Segundo Arruda (2007) há a necessidade de estreitamento de laços entre a saúde e a educação, principalmente social, para despertar compromisso social; conscientizando alunos e educadores de que quantidade de conteúdo não é qualidade e o processo de formação deve acarretar em mudanças.

Segundo Reis (1978) a instrução faz parte do processo educativo e é uma condição necessária, mas não é o suficiente; a educação se fundamenta no hábito, sendo assim no comportamento.

Assim a educação em sua forma plena apresenta condições e ferramentas para a reflexão, para o pensamento crítico. Ela dá subsídios para uma melhor compreensão da sociedade e do mundo a sua volta. Segundo Weffort (2011), é a matriz que atribui sentido a uma prática educativa, esta só pode alcançar efetividade e eficácia na participação livre e crítica dos educandos, diz ainda que o diálogo é condição essencial, este não deve ser influenciado nem imposto.

Outra questão a ser pensada: a educação é desenvolvimento, assim é também disciplina, afirma Reis (1978). “O objetivo da vida não é o conhecimento. O homem não vive para saber. Mas conhece para viver melhor. A educação é um meio e não um fim em si mesma” (REIS, 1978, p. 120). A educação auxilia o ser humano em seu estar no mundo, mas para que isso de fato aconteça é necessário disciplina e esforço por parte do educando.

Para que o processo de aprendizado seja efetivo é necessária a informação e que esta se torne hábito, mas também a disciplina, organização e vontade de aprender para que assim aconteça de fato a mudança. É preciso estar aberto para o aprendizado

O produto daquilo que foi assimilado passa a ser cultura quando adquire um sentido funcional, integrado espontaneamente na vida, diz Reis (1978). “A cultura emana do pensar e do repensar, á luz do que se sente e do que se vive, daquilo que se prova. Não é o emaranhado dos conhecimentos” (REIS, 1978, p. 121). Quando há assimilação o comportamento é simples, acontece naturalmente.

Weffort (2011) diz, que em respeito a liberdade dos educandos, em caso de alfabetização de adultos é interessante utilizar seu vocabulário de palavras, ou seja, busca-se o máximo de interferência do educando no programa; ao educador cabe registrar esse vocabulário e selecionar palavras básicas de acordo com sua frequência e relevância como significação vivida. Essas palavras de uso comum são cheias de experiências vividas, assim o educando irá descobrir as sílabas, as letras e as dificuldades silábicas específicas de seu idioma e servirão de material para novas palavras.

É importante refletir também sobre a atuação do educador nesse contexto. Reis (1978) afirma que o professor deve ser bom, mas não pode ser “bonzinho”. A educação não pode se resumir a cumprir os caprichos e desejos do educando. Encorajar a preguiça, a indiferença não condiz com o que se pretende por meio da educação, afirma Reis (1978). “Na vida tudo é esforço” (REIS, 1978, p. 159) Para o autor, ser bonzinho é não saber impor limites, dizer não ao educando; fazendo com que a criança se sinta em um ambiente totalmente permissivo, o que também comprometerá seu rendimento e aprendizado na escola.

É respeitável lembrar que as mudanças que acontecem no setor educacional também impactam o educador, segundo Silva (2011) com as dificuldades encontradas cada vez maiores, esse contexto coloca em risco a saúde do educador, e também a do educando; aí a importância de pesquisas que envolvam saúde e educação.

Ensinar é, portanto, estimular a imbricação dos processos de conhecimentos objetivos, subjetivos e interpessoais, afirma Barbosa (1985). Como vimos anteriormente a educação é mais que instrução, implica em “ensinar a pensar”, dar subsídios para a reflexão e conseqüentemente levar o educando a mudança de comportamento.

Segundo Weffort (2011), a visão educacional não pode deixar de ser uma crítica da opressão real que os homens vivem e uma expressão de sua luta para liberta-se, mas a compressão prática, política e social requer clareza quanto a ideia da liberdade, que só adquire plena significação quando ressoa na luta concreta dos homens por liberta-se.

A Educação implica na aquisição do conhecimento e de sua aplicação e transformação na vida do educando, ou seja, o conhecimento precisa se tornar um hábito, o estudante por sua vez aprende pela pedagogia do esforço, o que exige um educador capaz de traçar limites, não de forma autoritária, mas pela autoridade que representa.. Segundo Weffort (2011), uma pedagogia que elimina pela raiz as relações autoritárias, na qual o educador tem como tarefa essencial o diálogo.

Silva (2011) afirma que não podemos esquecer que os problemas educacionais são de ordem social e política, logo as soluções devem ter um caráter coletivo e interdisciplinar. O cruzamento de diferentes saberes e práticas pode ser uma saída para a superação de uma saúde e educação que são centradas no individualismo, utilizando uma abordagem integral do ser humano.

Todos os indicativos acima descritos apontam para questões coletivas e sociais envolvendo a educação, logo há a necessidade de uma prática também coletiva, ou seja, uma atuação interdisciplinar, para que os objetivos sejam mais precisos e coerentes com a realidade transformando-a num processo consciente e reflexivo para todos.

MUSICOTERAPIA E EDUCAÇÃO: CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS

Muitas reflexões são feitas a respeito das convergências e divergências entre Educação e Terapia. Para Bruscia (2000), alguns pontos devem ser considerados relevantes na reflexão sobre ambas as áreas.

Segundo Bruscia (2000), educação e terapia são semelhantes no sentido de que as duas ajudam o cliente a adquirir conhecimentos e habilidades; todavia existem distinções importantes a serem feitas.

- 1) Os objetivos são diferentes. Na educação aprender, adquirir conhecimentos e habilidades é objetivo primário, enquanto que na terapia é um meio para encontrar saúde.
- 2) Na educação o conteúdo a ser trabalhado não é específico do indivíduo, já na terapia é sempre pessoal.
- 3) A aprendizagem na terapia é singular; o cliente experimenta várias facetas de si, de maneira auto-reflexiva, ou seja, o cliente passa por algumas experiências intensas no curso de uma sessão.
- 4) A relação professor- aluno é diferente da relação cliente-terapeuta, no que se trata do nível de intimidade, dinâmica e conteúdo.

Bruscia (2000) afirma, que as mesmas distinções acima se aplicam às diferenças entre Musicoterapia e Educação Musical.

Alguns autores apresentam possibilidades e perspectivas de realização de projetos envolvendo saúde (terapia e educação); quando as duas áreas trabalham separadamente fragmentam o conhecimento e tratam de forma distante questões referentes aos problemas dos clientes e educandos. Com o apogeu do paradigma cartesiano e da medicina científica, as responsabilidades referentes às ações de educação em saúde foram divididas entre os trabalhadores da saúde e os da educação. Aos trabalhadores da saúde coube desenvolver os conhecimentos científicos capazes de intervir sobre a doença, diagnosticando-a e tratando-a o mais rapidamente possível. A tarefa de desenvolver ações educativas capazes de transformar comportamentos ficou

ao encargo dos trabalhadores da educação. Essa lógica, além de fragmentar o conhecimento, deixou de considerar os problemas cotidianos vivenciados pela população. (ALVES E AERT apud FALKENBERG, MENDES, MORAES e SOUZA, 2014)

O termo educação e saúde, segundo FALKENBERG et al (2014), ainda hoje, é utilizado como sinônimo de Educação em saúde, indica um *paralelismo* entre as áreas, separando seus instrumentos de trabalho. “Educação ocupando-se dos métodos pedagógicos para transformar comportamentos e a saúde dos conhecimentos científicos capazes de intervir sobre as doenças”.¹³

A Musicoterapia se correlaciona com outras áreas do conhecimento o que proporciona um leque de possibilidades de ações interdisciplinares.

A musicoterapia por ser híbrida e envolver várias facetas do conhecimento (ciência, arte e educação) possui uma diversidade de aplicações, objetivos, métodos e orientações teóricas, sendo certo que influenciada por diferenças culturais, encontra-se em processo de formação. (ALMEIDA e CAMPOS, 2013, p. 46).

Segundo Silva (2011) torna-se cada vez mais comum a entrada de profissionais musicoterapeutas na educação, pela demanda de educadores em música ou pela proximidade que a Musicoterapia tem com o ensino, principalmente quando se refere a educação especial. Pensando em todas as demandas apresentadas pelas crianças e adolescentes em idade escolar, esse espaço além de ser um local de ensino é um local de agência de saúde; pois trabalha de forma integral no desenvolvimento físico, intelectual, emocional e espiritual dos educandos.

Segundo FALKENBERG et al, (2014) a educação em saúde como um processo pedagógico e político exige um desenvolvimento de um pensar crítico e reflexivo, o que implica em desvelar a realidade e propor ações transformadoras que levem o indivíduo

¹³ *Ibid.*

a sua autonomia, do sujeito histórico e social; assim se torna capaz de opinar em ações para cuidar de si, da família e da sociedade.

As práticas de educação em saúde são inerentes ao trabalho em saúde, mas muitas vezes estão relegadas a um segundo plano no planejamento e organização dos serviços, na execução das ações de cuidado e na própria gestão. (FALKENBERG, et al, 2014).

Segundo Bruscia (2000) a saúde é holística, indo além do corpo para incluir a mente e o espírito e vai além do indivíduo para incluir a sociedade, a cultura e o meio ambiente em que vive. “A saúde é o processo que visa a atingir o potencial máximo de integridade individual e ecológica do sujeito” (BRUSCIA, 2000, p. 91)

Pensando na escola como um meio de intervenção e saúde, o musicoterapeuta pode atuar de forma preventiva nos projetos e intervenções realizadas, estes envolvem a criança, o adolescente, a família, os vizinhos etc.

O musicoterapeuta preventivo se insere a partir de projetos que têm como objetivo impactar nestas redes sociais: a família, e os diferentes sistemas de apoio, gerando uma abertura à participação, construindo lugares, de possível intercâmbio social através da música e do sonoro. (PELLIZZARI apud SILVA, 2011, p. 124).

O olhar musicoterapêutico tem a intenção de promover saúde de forma preventiva, afirmam Almeida e Campos (2013), atendendo as necessidades específicas de forma individual. “Nesse sentido, o olhar musicoterapêutico traz uma visão do humano no seu aspecto criativo.” (ALMEIDA e CAMPOS, 2013, p. 46).

“O musicoterapeuta deve ser, antes de mais nada, um profissional capaz de sentir um genuíno desejo de ajudar o seu semelhante e que através da música procurará fluir em mudanças” (LEINING apud GOMES, 2009, p. 552).

É importante salientar a escuta desse profissional; esta também é diferenciada, segundo Silva (2011) está profundamente ligada ao diálogo entre educador e educando; não há escuta sem diálogo; a relação de acolhimento está justamente na

capacidade que o educador tem de se despir de sua posição privilegiada, para uma posição de humildade diante do ser humano.

Silva (2011) aponta duas questões como fundamentais em um trabalho que envolva educação e musicoterapia: a escuta e a postura do profissional. Acredita-se que estes fatores são essenciais para a transformação, o suficiente para lidar com os dilemas da sala de aula e dos processos educacionais de forma mais tranquila e passiva.

Já que existem temas que aproximam e distanciam Musicoterapia e a Educação, como poderíamos trabalhar essas duas áreas de forma harmoniosa? Segundo Silva (2011), para que trabalhem juntas, o primeiro passo é o conceito de educação a partir do humano, que está também ligado a área da saúde.

Convém, pois reconhecer o que é o ser humano, que pertence ao mesmo tempo à natureza e à cultura, que está submetido à morte como todo animal, mas que é o único ser vivo que crê numa vida além da morte e cuja aventura histórica conduziu-nos à era planetária. Só assim se pode obedecer à finalidade do ensino, que é ajudar o aluno a se reconhecer em sua própria humanidade, situando-a no mundo e assumindo-a. (...) Aprender a viver significa preparar os espíritos para afrontar as incertezas e os problemas da existência humana. (MORIN apud SILVA, 2011, p. 131).

Para o autor a educação vai além de acúmulos de conteúdos ou instrução como foi dito anteriormente, a educação visa a resolução de conflitos esse por sua vez está intrinsecamente ligada às subversões da vida. Se pensarmos em terapia, veremos que esta situa o cliente em seu contexto de modo que aprende, reflete, questiona e modifica o seu comportamento, isto implica em mudanças emocionais, relacionais, espirituais e sociais.

Segundo Silva (2011) educação e terapia podem andar juntas com modalidades e abordagens diferentes; a ideia é que as áreas busquem os pontos em comum para desenvolver projetos interdisciplinares, ou seja, fazendo uso de abordagens diferentes

com o foco no humano, para atingir a mudança de comportamento pela educação e pela terapia.

Se pensarmos que ambas as áreas utilizam a problematização, como desafio inicial e ponto de partida para que o indivíduo pense, e se situe no mundo; o que define a saúde, segundo Bruscia (2000) não é a severidade do problema (doença), mas sim a forma como a pessoa utiliza seus potenciais de desenvolvimento no momento em que se depara com o problema.

Para Almeida e Campos (2013), os meios utilizados pelas duas áreas para atingir seus objetivos demonstram que há integração entre ambas. Assim também Gaiza (apud ALMEIDA E CAMPOS 2013) aponta uma reflexão acerca do educador musical e o musicoterapeuta que podemos utilizar como ferramenta para refletir educação e musicoterapia:

a diferença fundamental que existe entre um educador e um musicoterapeuta é que ao último lhe interessa curar. Deveríamos perguntar primeiro: O que é curar? (Na realidade, deveríamos começar por definir a fundo estes termos...) e ao educador deveria lhe perguntar: O que lhe interessa ensinar? O que se faz quando um aluno manifesta dificuldades que lhe impedem aprender? (GAINZA apud ALMEIDA E CAMPOS, 2013, p. 51).

Podemos pensar que musicoterapeutas e educadores devem questionar sempre a finalidade de sua atuação, para que esta seja uma ação totalmente desprendida, que visa o bem-estar do ser humano. Dessa maneira, afirma Silva (2011), questões que inicialmente estão ligadas à educação, ou ao próprio cotidiano dos educandos podem se tornar ponto de partida fecundo para pensarmos a prevenção e a promoção de saúde.

Silva (2011) afirma, que toda terapia é também uma educação, já que visa a conscientização do sujeito no mundo, e a capacidade que cada um desenvolve para transformá-lo e recriá-lo por meio do próprio saber o mundo e a realidade na qual vivem.

Para a autora, um dos objetivos comuns à terapia e à educação é proporcionar a reflexão de cada indivíduo como homem, situá-lo no mundo em que vive e criar condições para que ocorra a transformação seja com ele mesmo ou de sua ação no mundo.

Assim, a transformação é também um ponto comum entre educação e terapia. A educação, sem transformação, não cumpre em sua totalidade aquilo para a qual é destinada; o mesmo acontece com a terapia, que sem mudança, não atinge o seu objetivo final. Logo, essas duas áreas buscam problematizar a realidade na qual o cliente-aluno se encontra e ajudá-lo a enfrentar os desafios nela encontrados.

Na Musicoterapia, a transformação, a mudança surge de um emaranhado de questões de som, movimento, silêncio e escuta e

[...] dá-se pela experiência no corpo e no movimento, pela escuta, pelo respeito ao tempo e espaço do outro, pela espontaneidade e capacidade criativa na relação com esse outro; promove mudanças e traz o desenvolvimento pessoal, possibilita as expressões sonoro-musicais-não-verbais e o desenvolvimento das habilidades musicais, todos em um mesmo nível de importância. (PASSARINI et al, 2012, p. 148).

“[...] a arte não só revela, mas afeta o mundo ao redor ... ” (BARBOSA, 1984, p. 160). A arte em geral traz consigo elementos de transformação, ela por si só já é criativa, nova; capaz de conceder mudança, que acontecem justamente pelo potencial reflexivo e crítico da arte, em especial da música tratada neste artigo.

Para Bruscia (2000), a Musicoterapia é um processo que tem lugar no tempo; para o cliente envolve um processo de mudança, para o terapeuta é uma sequência de intervenções ordenadas no tempo, tanto para um quanto para outro pode ser descrito como educacional, interpessoal, artístico, musical, criativo ou científico.

Bruscia (2000) afirma, que para ser terapia a intervenção deve ser feita por um terapeuta; uma tentativa intencional de produzir algum tipo de mudança. Assim podemos dizer que a

Musicoterapia é um processo sistemático de intervenção em que o terapeuta ajuda o cliente a promover saúde utilizando experiências musicais e as relações que se desenvolvem através delas como forças dinâmicas de mudanças. (BRUSCIA, 2000, p. 22).

As ações e mudanças que podem ser causadas no cliente ou educando são de grande importância, Bruscia (2000), aponta várias áreas como mais comuns, como alvos de mudanças. Como esse trabalho trata especificamente sobre Musicoterapia e Educação citaremos apenas as que são de interesse do contexto educacional: percepção, desenvolvimento sensorio-motor, cognição, comportamento, emoção, comunicação, interpessoal, criatividade.

Segundo Brito (apud ALMEIDA E CAMPOS 2013), fazendo música somos mágicos, intuitivos, emocionais. É possível ser racional e intelectual, nos apresentamos com uma vivência sonora simbólica profunda e integradora.

Almeida e Campos (2013) afirmam, que as experiências musicais de improvisar, recriar, ouvir e compor música utilizadas nas técnicas musicoterapêuticas são fundamentais e levam ao desenvolvimento do processo na terapia bem como o aprendizado significativo do educando

“A criatividade está presente em todo ser humano, é preciso proporcionar oportunidades para seu desenvolvimento” (ALMEIDA E CAMPOS, 2013, p.46). Para que a musicalidade, que é inata a todo ser humano, atue e seja veículo de mudança é necessário que o cliente ou o educando esteja aberto a experimentar a si mesmo, aos outros e ao mundo, para assim desenvolver capacidades receptivas, cognitivas e expressivas, afirmam os mesmos autores.

Para Gomes (2009) atitudes humanas e humanizadoras são canais de expressão e mobilização de um corpo vibrante, que pulsa e que vive, pois “a criança só conseguirá utilizar suas potencialidades na medida em que acreditar em sua própria existência (DUCORNEAU apud GOMES, 2009, p.552)

Desta maneira o trabalho terapêutico na educação pode contribuir para uma mudança de olhar por parte do educador e do educando, para que consigam estabelecer uma relação pautada no diálogo e na escuta mobilizando a abertura de canais expressão, por meio do som do movimento e da própria música.

É fato que terapeutas e educadores lidam com questões pertinentes, e que podem ser tratadas de maneira interdisciplinar. Os assuntos e dúvidas em relação ao comportamento e ao aprendizado podem ser versados, de modo que os profissionais e os educandos cresçam, e aproveitem ao máximo o tempo juntos (terapeuta, educador, cliente) para crescimento pessoal e profissional, em um ambiente prazeroso que valorize de fato o ser humano, aceitando suas limitações e inspirações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do conteúdo apresentado podemos considerar que muitos são os desafios encontrados entre Musicoterapia e Educação; entretanto profissionais engajados podem realizar ações significativas para o contexto escolar; a elaboração de projetos com visão e escuta interdisciplinar é o primeiro passo para tratarmos essa questão. Existem muitos trabalhos publicados sobre educação e educação especial, mas são poucos os que tratam sobre musicoterapia e educação, ou terapia e educação focando a prevenção e a promoção de saúde.

No presente artigo percebemos que existem pontos diferentes entre educação e terapia, mas percebemos também que muitos são os temas que aproximam essas duas áreas; principalmente quando se trata de mudança de comportamento, reflexão e atuação na sociedade.

Educação e terapia trabalham em busca de mudança, ou seja, nenhuma cumpre seu papel de forma plena se não atinge a transformação, a percepção e a reflexão de seus clientes. E justamente por esses pontos de convergências é que podemos pensar na possibilidade dessas práticas atuarem no mesmo espaço; na troca de informações,

de vivências e conhecimentos. Afinal, nenhum educador é educador de si próprio, e nenhum terapeuta pode ser seu próprio paciente, ou seja, ambos trabalham em prol do outro; exercitam suas funções para que o outro cresça, e por isso estes profissionais são totalmente desprendidos de julgamentos de valor ou qualquer situação em que seu ego seja beneficiado. O objetivo primordial é o humano.

A Musicoterapia, por ser híbrida, como foi dito anteriormente, além de apresentar temas comuns à educação; faz uso do som e do movimento, o que envolve o contexto escolar em uma atmosfera diferenciada, pautada por relações de expressão e diálogo, que muitas vezes não ocorrem em sala de aula, justamente pela abordagem utilizada na educação. Assim, questões não relacionadas ao aprendizado, mas que o influenciam, também são trabalhadas naturalmente no processo musicoterapêutico.

Por tudo isso, considera-se a possibilidade de intervenção musicoterapêutica em projetos educacionais de forma interdisciplinar. Sabe-se que muitos são os desafios a enfrentar, mas a com a abertura dos profissionais e com o foco nos parâmetros acima mencionados, podemos contribuir de forma efetiva para o crescimento da musicoterapia e da educação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Daniele Torres de; CAMPOS, Ana Maria Caramujo Pires de. Educador-Terapeuta: os benefícios do olhar do Especialista em Musicoterapia na Educação Musical. **Revista Brasileira de Musicoterapia**, nº 15, p.43-56, 2013.

ARRUDA, Bertoldo Kruse Grande de. Educação para a cidadania informada. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, Recife, nov. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-38292007000600001&lang=pt>. Acesso em: 27 abr. 2014

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-educação: conflitos-acertos**. São Paulo: Max Limonad, 1985.

BRUSCIA, Kenneth E. **Definindo Musicoterapia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.

FALKENBERG, Mírian Benite; MENDES, Thaís de Paula Lima; MORAES, PEDROSO Eliane. Educação em saúde e educação na saúde: conceitos e implicações para a saúde coletiva. *Ciência saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, mar. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232014000300847&lang=pt>. Acesso em: 27 abr. 2014

GOMES, Gislaine Costa Belo de Souza. Musicoterapia em sala de aula: Desafios e Conquistas. *In: Anais do XIII Simpósio Brasileiro de Musicoterapia, XI Fórum Paranaense de Musicoterapia e IX Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia*. 2009, Curitiba. **Musicoterapia em sala de aula: Desafios e Conquistas**. Curitiba: Griffin, 2009. p. 550-552

PASSARINI, Luisiana B. França; AOKI, Thiago T; PREARO, Pablo de Moraes; ANDRADE. Educação Musical no Desenvolvimento da Criança: Trilhas da Musicoterapia Preventiva. *In: Anais XIV Simpósio Brasileiro de Musicoterapia e XII Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia*, Olinda, 2012. Disponível em: <http://14simposiomt.files.wordpress.com/2012/02/final_-_xiv_simp3b3sio.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2014

REIS, Sólton Borges dos. **A crise contemporânea da Educação**. São Paulo: Centro do Professorado, 1978.

SILVA, Laryane Carvalho Lourenço da. A Musicoterapia num contexto educacional: perspectivas de atuação. **Revista Brasileira de Musicoterapia**, nº11, p.117-143, 2011

WEFFORT, Francisco C. Educação e Política: Reflexões Sociológicas sobre uma pedagogia da liberdade. *In: FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade*. 34. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011, p. 3-38.

Recebido em: 20 de abril de 2014

Aprovado em: 09 de julho de 2014